

RESENHA DO LIVRO *ALMADA. OS PAINÉIS, A GEOMETRIA E TUDO*, DE ANTÓNIO VALDEMAR

REVIEW OF THE BOOK, *ALMADA. OS PAINÉIS, A GEOMETRIA E TUDO*, BY ANTÓNIO VALDEMAR

Elizabeth Dias Martins¹

No dia 15 de junho de 1970, Almada Negreiros deixou para os admiradores da sua ARTE (em maiúsculas como ele próprio grafava) um legado artístico dos mais abrangentes e diversificados, que constitui uma unidade referível, ao modo de algumas peças clássicas, como variações em torno da ARTE. Isto porque segundo ele: “como os cinco sentidos físicos são a aparência da Unidade individual humana, assim as determinadas várias artes são os sentidos da Unidade ARTE” (NEGREIROS, 1997, p. 614). E este desdobramento de Almada em múltiplas linguagens de arte caracteriza o *transbordamento*, como explosão artística plural e multiexpressiva, daquele que foi um verdadeiro militante da Arte, pois esta era para o autor a “teoria fundamental que rege o curso da humanidade” (VALDEMAR, 2015, p. 74).

Em 2015, ano das comemorações dos 45 de morte de Almada Negreiros, é editado em Portugal o livro *Almada. Os Painéis, a Geometria e Tudo: as entrevistas com António Valdemar*. Porto: Assírio & Alvim, 2015, obra cujo lançamento oficial se deu a 8 de outubro do dito ano.

Nele temos as entrevistas que Almada concedeu ao jornalista António Valdemar, de dezembro de 1959 a julho de 1960 e que foram publicadas semanalmente no *Diário de Notícias* de Lisboa a partir do dia 09 de junho de 1960 até o dia 28 de julho do mesmo ano.

A essa compilação se somam uma entrevista inédita, intitulada “‘Começar’, todos os dias”, e um Apêndice Documental composto de “textos dispersos de Almada a propósito dos Painéis” de São Vicente de Fora. (VALDEMAR, 2015, p. 149)

O livro traz ainda um prefácio intitulado “O fausto de Almada ou a caça ao tesouro”, escrito por José Manuel dos Santos, em cujo texto, diria eu de linguagem um tanto almadiana, no que tem de estilo poético e metafórico, o autor nos fala sobre a história e o valor do presente livro a partir do viés de aproximação conseguido pelo entrevistador, amigo com o qual falava sobre Almada no caminho de “Algés à Baixa”, livro que, segundo o prefaciador: “é, de Almada e de nós a falar dele, uma memória que não esquece” (SANTOS *in* VALDEMAR, 2015, p. 19).

Segue-se ao prefácio, de título “Assim fala a geometria: outro nome de guerra”, uma apresentação de António Valdemar que antecede as entrevistas, na qual o leitor é introduzido no tema fulcral que norteia todas as entrevistas contidas no volume, a saber, “Os Painéis de São Vicente de Fora”, os quais “constituem um dos temas fundamentais, polêmicos e mais absorventes da cultura portuguesa”. (VALDEMAR, 2015, p. 25). Segundo o jornalista, Almada começou a interessar-se pelo assunto em “1916, quando participava nas mais audaciosas incursões do modernismo”, e que rendeu ao poeta um trabalho durante toda a sua vida, como se lê na resposta dada a António Valdemar, à seguinte indagação: “– Quando começou este trabalho? ”:

Aí está uma resposta um pouco difícil de lhe dar, porque eu hoje tenho a impressão de, durante toda a minha vida não ter feito outra coisa senão este trabalho. Há um caso francamente curioso: comecei exatamente muito antes de eu próprio ter dado por isso. Isso coincidia com o aparecimento de um grupo de jovens que ficaram conhecidos pelos do *Orpheu*. (Valdemar, 2015, p. 60)

O trabalho de uma vida em torno dos Painéis está relacionado à concepção almadiana do Todo do Tempo, aclarada no sétimo dos fragmentos filosóficos de *Reaver a ingenuidade: O mundo sensível*, que vem a ser da mesma espécie dos de Novalis e Schiller. Almada conceitua o tempo assim:

O Tempo é Ato contínuo do Todo. O Tempo é feição do Todo.
É unidade indivisível do Todo indivisível. Uma unidade do Todo, como o Todo.
Passado, presente e futuro é sempre o mesmo Todo do tempo: o passado é o Todo do Tempo, o presente é o Todo do Tempo, o futuro é o Todo do Tempo. (NEGREIROS, 1997, p. 923)

E por pertencer àquela geração e àquele grupo de jovens, Valdemar acabou por questionar Almada sobre essa sua forte relação com o passado, enquanto o normal seria que procurassem “desligar-se do passado

e abrir novos caminhos para a arte moderna” (VALDEMAR, 2015, p. 65). É então que, coerente com os seus textos literários, Almada responde:

Do passado próximo, sim. Bem pelo contrário, a arte foi renovar-se numa antiguidade que a arte acadêmica já não tinha olhos para alcançar. Esta, chama antigo ao velho, ao passo que aquela sabia que o novo está perpetuamente no antigo. Como disse o pintor Delacroix: “o novo existe e é tudo quanto há de mais antigo”. (VALDEMAR, 2015, p. 65)

Por esta via somos levados na entrevista à questão do Cânone, que para nós é a conquista do Próprio, tão acentuado em toda a sua obra. Daí porque afirma que “Nós não pretendemos senão encontrar o Cânone”. A Idade Média, à qual a Arte moderna foi no intento de encontrar o Cânone, não era o período exclusivo para encontrá-lo, pois, segundo Almada, ainda na mesma resposta sobre a sua geração e o passado, diz:

O Cânone não está exclusivamente nos exemplos da Idade Média. Não está só nos exemplos da Idade Média, como não está só nos exemplos da Suméria, não está só nos de Creta, Gregos, Bizantinos, Árabes, Hebraicos, Românticos ou Góticos. Ele está sempre e é por isso mesmo que ele é Cânone. E cada um tira do Cânone as suas regras. (VALDEMAR, 2015, p. 65)

Afinal a Idade Média não era senão uma circunstância da sua geração, dos portugueses, dos europeus, afinal dele mesmo. E o Cânone, por ser imutável, está em todas as épocas. O que muda é o modo de interpretação de cada um. “O Cânone não é obra do homem, é a captação que o homem pode da imanência. É o advento inicial da luz epistemológica. Por conseguinte, a Geometria é um...” (VALDEMAR, 2015, p. 71)

É justamente em torno da Geometria dos Painéis e do Cânone que se desenvolvem as entrevistas que abordam Portugal, os portugueses, e a questão que, para além dos Painéis, significava a:

Reconstituição da Obra-Prima da Pintura Primitiva Portuguesa” a demonstrar a existência de uma Escola Portuguesa de Pintura, a qual não se limitou a legar-nos testemunhos do seu tempo e reinados, mas, além disto, atingiu altura de cultura que estabelece mensagem desta para a continuidade das gentes. (VALDEMAR, 2015, p. 94)

E como Portugal já havia deixado ao Mundo testemunhos imortais de “ser campeão de visualidade” através de nomes como os de Fernão Lopes, o do Autor dos Painéis, de Pedro Nunes e Luís de Camões, precisava, através da cultura visual, conquistar um estado de espírito capaz de permitir a entrada da luz, pois “pela luz vê-se, não se olha”. A luz, para o “Narciso do Egito” seria conquistada não através de fórmulas dadas. Estas se repetem a todos. Para ele viria através da ARTE cuja única razão de existência é a unidade e “a unidade apaga todas as fórmulas”.

Porém, para Almada, naquele momento Portugal arrastava seu nome na “última linha das estatísticas nas nações mais subdesenvolvidas em arte” (VALDEMAR, 2015, p. 95).

A série de entrevistas se conclui com a que foi intitulada “Digo com alegria, acabei a divulgação”. Assim foi a termo o trabalho de um período longo e não planejado por Valdemar, levando-se em conta ter proposto ao artista uma entrevista acerca dos seus estudos sobre Painéis de São Vicente de Fora, e ter recebido a resposta de que uma entrevista só não bastaria. Teria de ser várias.

E foram tantas que, no dizer de António Valdemar: “começou um trabalho profissional e, ao mesmo tempo, um convívio assíduo que se prolongou até à sua morte e se estendeu à sua própria família”. (VALDEMAR, 2015, p. 45)

Assim, após a última entrevista, levantaram-se o “escritor-artista” e o “jornalista-investigador”, como os intitulou José Manuel dos Santos no prefácio ao livro, e após um forte aperto de mão, Almada disse a António Valdemar: “Acabei a divulgação. Digo com alegria, acabei a divulgação”. (VALDEMAR, 2015, p. 136)

Eis um livro indispensável sobre Almada, que tardou, mas não faltou.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMADA NEGREIROS, José de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1997.

VALDEMAR, António. *Almada. Os Painéis, A Geometria e Tudo: as entrevistas com António Valdemar*. 1ª ed. Porto: Assírio & Alvim, 2015.

NOTA

1 Professora Associada da Universidade Federal do Ceará. Doutorado em Literatura Portuguesa - PUC-Rio. Pós-Doutorado em Literatura Portuguesa - UERJ/Universidade de Coimbra. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC. Autora do livro: *Do Fragmento à Unidade: a lição de gnose almadiana*. Fortaleza: Edições UFC, 2013.